

MEMÓRIA CAMPINEIRA (37)

PRESENÇA PORTUGUESA EM CAMPINAS

A colônia portuguesa em Campinas foi sempre bastante numerosa. Numerosa e atuante. Por muitas décadas dominou o comércio atacadista da cidade. Não foi sem propósito que se denominou **Lusitana** a uma das ruas mais importantes da parte central da cidade, via pública da qual já nos ocupamos em **Memória Campineira** de nosso número 129 (jan./mar. 1988).

Colônia numerosa e atuante, não é de admirar que se dispusesse a alguns empreendimentos significativos e que bem caracterizam o espírito e a mentalidade dos portugueses, em expressivos traços de solidariedade humana. Um deles, a fundação de um hospital que servisse à colônia. A tradição hospitalar lusitana vinha de longe, desde quando, ainda na Idade Média, surgiram as primeiras **Misericórdias**, popularmente conhecidas por **Santas Casas**. Introduzidas no Brasil logo no início da colonização, as Santas Casas de Misericórdia marcaram, com sua fisionomia própria, muito da vida comunitária e social dos tempos de outrora. Seu poder e influência chegaram até nossos dias.

Ao lado das Santas Casas — e, naturalmente, sem prejuízo delas — surgiram as Sociedades de Beneficência, que se tornaram logo conhecidas por **Beneficências Portuguesas**. Surgiram em todas as cidades importantes do país, quase sempre com grandes e renomados hospitais.

A de Campinas foi fundada a 20 de julho de 1873, por iniciativa de Francisco Gonçalves Ferreira Novo, então agente consular de Portugal na cidade. Três dias antes, Ferreira Novo fizera publicar em “A Gazeta de Campinas” o seguinte convite: “Aos Portugueses. Francisco Gonçalves Ferreira Novo convida a todos os seus patrícios (sem distinção) a se reunirem no salão do teatro S. Carlos, desta cidade, no próximo domingo 20 do corrente, às 4 horas da tarde para o fim caridoso de se tratar da fundação de uma Sociedade de Beneficência Portuguesa”. A reunião foi muito concorrida, informa um cronista da época. E o Dr. Quirino, redator da “Gazeta de Campinas”, presente à reunião na qualidade de jornalista, pronunciou algumas palavras para saudar o acontecimento, “tão nobre e honroso para os portugueses como para a nossa

terra, onde a nacionalidade ali congregada forma uma colônia tão vasta quanto respeitável".¹

Ficou assim composta a primeira diretoria: Presidente, Francisco Ferreira Novo; vice-presidente, Dr. Valentim José da Silveira Lopes (depois Visconde de São Valentim); 1º Secretário, Guilherme de Andrade Vilares; 2º Secretário, Albino de Oliveira; procurador, José Manoel de Faria; tesoureiro, João Gonçalves Ferreira Novo; beneficente, Antônio Alves Pimenta. Conselho: Comendador Manoel Cardoso A. Silva, José Joaquim Duarte de Resende, Francisco Ferreira de Mesquita, Manoel Joaquim Duarte de Resende, José Mesquita dos Santos, Antônio Joaquim Ribeiro, Joaquim Teixeira de Queiroz e José de Souza Teixeira.

Iniciando seus trabalhos a Sociedade conseguiu, por meio de donativos e leilões de prendas (os primeiros realizados em Campinas) fundar o seu hospital, inaugurando-o a 29 de junho de 1879. Situava-se na chamada "parte alta da cidade", no mesmo local em que ainda se encontra, naturalmente, hoje, com as transformações que seu desenvolvimento exigiu. Ocupa toda a quadra formada pelas ruas Onze de Agosto (entrada principal), Marechal Deodoro, Andrade Neves e Sebastião de Souza, tendo à sua frente a bela praça Luiz de Camões, de que adiante cuidaremos.

Por ocasião da terrível calamidade da febre amarela, informa Leopoldo Amaral, a Beneficência Portuguesa "abriu as portas do seu hospital e constituiu-se um dos pontos onde a pobreza encontrou conforto e o preciso tratamento. Este fato atesta eloqüentemente a benemerência da instituição".² Por seus méritos, o governo português, ao tempo de D. Carlos, concedeu-lhe a denominação de **Real**, que ostenta em seu título. E convém lembrar que raro foi o médico de Campinas que não tenha prestado serviços à benemérita entidade.

O ano seguinte ao da inauguração do hospital da Beneficência Portuguesa assinalou duas homenagens a Camões, o poeta máximo da língua. A fundação, a 10 de junho (de 1880) da **Sociedade Luís de Camões**, com a finalidade de "proporcionar reuniões recreativas e instrutivas aos sócios, incluindo atividades musicais", criada por iniciativa de José Pereira de Andrade, Manoel Joaquim Moreira, José da Silva Guimarães, entre outros. E no mesmo ano, houve por bem o governo municipal em dar o nome do autor de "Os Lusíadas" à praça fronteira à Beneficência Portuguesa, que veio a se tornar, com o tempo, um dos mais belos jardins de Campinas. Nele, a 7 de setembro de 1922, foi inaugurado o busto do poeta, "oferecido à cidade pela comunidade luso-brasileira", conforme se lê em placa nele colocada. Informa Leopoldo Amaral que a iniciativa desta

(1) Amaral, Leopoldo — **A cidade de Campinas em 1901**, p. 171-172. Campinas, Livro Azul, 1900.

(2) Amaral, Leopoldo — **Campinas: recordações**, p. 226. São Paulo, Seção de Obras de "O Estado de S. Paulo", 1927.

homenagem partiu de Álvaro Ribeiro, então vereador à Câmara Municipal, secundado por comissão executiva integrada por José Pereira de Andrade, José Barbosa de Barros, Fortunato de Figueiredo Tavares, Fernando da Cruz Passos e Joaquim Duarte Barbosa. O trabalho artístico foi executado pelo escultor José Rosada.³

A evocação da **Praça Luís de Camões** leva-nos a evocar igualmente outros logradouros e vias públicas da cidade, nos quais a presença portuguesa se faz sentir. Lembremos, de início, que se denomina **Parque Portugal** a maior e mais bela área de lazer de que dispomos, local conhecido popularmente por **Lagoa**. E nas imediações deste maravilhoso parque, diversos bairros se formaram, todos de alto nível, e em cujas ruas predominam nomes portugueses, desde **D. Manuel-o-Venturoso** até vultos expressivos de literatura lusíada do século passado. Alguns, ligados também ao Brasil, como Martim Afonso, Pero Lopes de Sousa, Gonçalo Coelho, Gaspar de Lemos, André Gonçalves, Jorge Figueiredo Correia, Francisco Pereira Coutinho, Pedro de Campos Tourinho, Duarte Coelho, Pero Vaz de Caminha, Vasco Fernandes Coutinho, Diogo Álvares (o “Caramuru”), Tomé de Souza, Duarte da Costa, Mem de Sá, Pero de Góis, D. João VI, Marquês de Pombal e o Padre Antonio Vieira. Outros, legítimos padrões da glória portuguesa, embora não vinculados diretamente ao Brasil, como Bartolomeu Dias, Dom Afonso Henriques, Nun’ Alvares Pereira, Fernão de Magalhães, Inês de Castro. E finalmente, quatorze grandes vultos da literatura portuguesa ilustrando as ruas de Campinas: Fernão Lopes, Gil Vicente, Pe. Manuel Bernardes, Egas Moniz, Teófilo Braga, Camilo Castelo Branco, Júlio Diniz, Almeida Garrett, Latino Coelho, Alexandre, Herculano, Eça de Queiroz, Guerra Junqueiro, Fialho de Almeida e Jaime Seguíer (o conhecido dicionarista, aliás grafado erroneamente, como Jaime Sequier). É possível que algum nome tenha escapado a esta relação. E convém recordar, para finalizar, alguns nomes que figuram em outros bairros: Pedro Alvares Cabral denomina-se uma das ruas que circundam o belíssimo Bosque dos Jequitibás; Gago Coutinho encontra-se numa via pública do Chapadão; Ramalho Ortigão figura em Santa Genebra; D. José I, no início do Bonfim, em terrenos onde outrora localizava-se o hipódromo campineiro; e o Marechal Carmona, em Vila Marieta.

(3) Amaral, L. — **Campinas: recordações**, p. 486.